

**CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO JOSÉ
CURSO DE PEDAGOGIA**

**NATASHA HESPANHA ALMEIDA
PROFESSORA DOUTORA VERA LÚCIA RODRIGUES DE SOUZA**

FILHOS DE PAIS HOMOAFETIVOS NAS ESCOLAS

Rio de Janeiro

2022.2

FILHOS DE PAIS HOMOAFETIVOS NAS ESCOLAS

CHILDREN OF HOMO-AFFECTIVE PARENTS IN SCHOOLS

Natasha Hespanha Almeida

Graduanda do Curso de Pedagogia do Centro Universitário São José.

Orientadora

Prof. Dr. Vera Lúcia Rodrigues de Souza

RESUMO

O objetivo principal dessa pesquisa é emergir a inserção de filhos/as de pais homoafetivos nas escolas, discutindo sobre a conduta realizada a fim de que ocorra corretamente o acolhimento por parte das instituições, identificando os desafios que os pais enfrentam constantemente diante da sociedade. Assim, a perspectiva de família passa a se abranger de forma diversificada, comprovando a veracidade nas afirmativas cuja uma configuração familiar vai muito além de laços biológicos, elas são baseadas muito mais através de valores afetivos e culturais. No que se refere à metodologia utilizada, trata-se de uma pesquisa científica exploratória, de natureza qualitativa, onde é possível analisar imparcialmente ambos os lados por meio da utilização de entrevistas semiestruturadas. Para tanto foram entrevistadas diversas famílias, sendo selecionadas para proporcionar riqueza em detalhes uma composta por duas mães, e a outra por dois pais. Os dois casais possuem seus filhos matriculados em escolas particulares. Acarretando pautas onde se é questionado a visão da sociedade em visualizar um lar sem a presença de uma figura masculina, e uma paternidade sem uma presença feminina. Ocasionalmente um espaço significativo para questionamentos de temática de gênero, sexualidade, relação de controle da sociedade, identidade sociais e culturais onde o sujeito se encontra inserido, conduta profissional e pessoal. A entrevista se expandiu a escolas de públicas e privadas, para que possibilitasse apuração de condutas realizadas. Os resultados apontam qual escola possui maior capacidade de lidar com famílias homoparentais, e expõe a necessidade de investimento na formação do docente para lidar sem discriminação, de forma ética e respeitosa, com as famílias.

Palavras-chave: Pais Homoafetivos, Valores Afetivos e Valores Culturais.

ABSTRACT

The main objective of this research is to emerge the insertion of children of homo-affective parents in schools by discussing the conduct carried out so that the correct reception by the institutions occurs, identifying the challenges that parents constantly face in society. Thus, the perspective of the family starts to cover itself in a diversified way, proving the veracity of the statements whose family configuration goes far beyond biological bonds; they are based much more on affective and cultural values. As for the methodology used, this is exploratory scientific research, of a qualitative nature, where it is possible to analyze impartially both sides using semi-structured interviews. To this end, several families were interviewed, one composed of two mothers, and the other of two fathers. Both couples have their children enrolled in private schools. This leads to the questioning of society's view of a home without the presence of a male figure, and parenthood without a female presence. This creates a significant space for questioning the themes of gender, sexuality, society's control relations, the social and cultural identities where the subject is inserted, and professional and personal conduct. The interview was expanded to public and private schools so that it was possible to ascertain the conduct carried out. The results indicate which school has a greater capacity to deal with homoparental families and exposes the need for investment in teacher training to deal with families without discrimination, in an ethical and respectful way.

Keywords: Homo-affective Parents, Affective Values, and Cultural Values

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como finalidade discutir a inserção dos filhos de pais homoafetivos no âmbito escolar, e da sociedade do meio onde o mesmo é inserido. Abordando diferentes identidades culturais e sociais, a temática sobre gênero, a diversidade cultural, e outros assuntos correlacionados.

Com a finalidade de colocar em pauta a nova configuração de família baseada em valores afetivos e culturais, e não somente as configurações que envolvem laços biológicos e crenças religiosas no qual ainda é reafirmada pela sociedade como a única forma correta de conceber um filho. Procriar é uma condição dada pela natureza; criar é uma responsabilidade no âmbito da ética entre os homens.

É nessa relação que identificamos um dos momentos cruciantes da estabilidade humana: o desnível entre criar e procriar. Procriar é um momento; criar é um processo. Procriar é fisiológico; criar é afetivo.

As perguntas norteadoras deste artigo são: Como é a realidade dos casais homoafetivos hoje, como lutar pelos direitos iguais perante à sociedade? Através de atitudes e comportamentos também pelo direito de construir uma família longe da discriminação e do preconceito.

O objetivo geral do presente artigo é pesquisar para entender a realidade que as instituições escolares vivem diariamente com as famílias homoafetivas e as transformações significativas em nossa sociedade. Enquanto os Objetivos Específicos são: apreender as relações estabelecidas com a escola dos filhos de famílias homoparentais. Identificar as relações entre os docentes e discentes da instituição. Pesquisar as famílias no qual possuem seus filhos presentes na instituição. Construir a partir das leituras evidenciando que nas escolas daquele país existem agressões entre alunos por conflitos de diversas naturezas e por diferentes razões.

A justificativa para o tema escolhido foi de uma pesquisa de campo, que buscou famílias homoafetivas na qual possuem seus filhos matriculados em uma instituição de ensino. Assim, buscou apreender e analisar como as famílias de novas configurações são abraçadas pelas instituições, identificando o papel nas relações entre os docentes, e discentes da instituição. A partir de tudo lido, relatado e evidenciado, é possível entender o funcionamento e a realidade dentro das instituições.

A relevância do tema apresentado está voltada pelo fato intencionalmente relatar e de dar visibilidade às novas configurações de família dentro das escolas e assim, abordar tudo que já foi conquistado como os desafios enfrentados.

A metodologia usada tem como base em uma pesquisa de campo, o estudo apresentado possui uma natureza qualitativa, onde foi possível observar os fatos, coletar os dados, analisá-los cuidadosamente para depois conseguir interpretar de maneira imparcial, os dados coletados serão compilados e comparados buscando análise crítica dos resultados.

É preciso refletir sobre as novas formas de constituir uma família, bem como estimular estratégias para inclusão das crianças na escola, e como a equipe pedagógica pode auxiliar essas famílias. A questão tem como finalidade identificar os desafios que os pais enfrentam diante da sociedade nos dias atuais, e descobrir como as instituições lidam com essa nova configuração de família.

A pesquisa exposta neste artigo poderá servir de subsídio para que outras famílias com seus filhos encontrem a acolhida nas instituições de ensino e colaborem para implementação de ações que colaborem para o êxito educacional das crianças.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os autores que serviram como base do estudo proposto foram aqueles no qual suas linhas de pensamento estiveram voltadas ao tema de uma forma humanizada, e condizente ao presente tema possível: Famílias Homoafetivas: A Insistência Em Ser Feliz (2016) é uma obra que te convida a fazer uma reflexão e uma desconstrução de estereótipos nos relacionamentos homoafetivos, abordando a importância da democracia e do respeito à diversidade em uma sociedade ainda homofóbica.

A necessidade da sociedade de oprimir as novas configurações de família ainda é visivelmente notada, ocasionando o esquecimento de questões essenciais como por exemplo o respeito obrigatório à diversidade. Assim, se assimila a motivação da incapacidade de observar a beleza da afetividade, e da busca pela felicidade do outro.

A autora, Lícia Loltran, relata ao leitor com muita sensibilidade, e humanidade, o que se encaixa perfeitamente ao propósito dessa pesquisa, distintas histórias de vida, onde a busca pela felicidade fora do padrão desejado e esperado diante dos olhos da sociedade é incansável. São histórias que destacam as dificuldades enfrentadas desde o início da união, durante uma adoção ou gestação até a luta contra o preconceito e aceitação.

Assim, a mesma, consegue humanizar o olhar daqueles que desejam se desconstruir, e dar incentivo à casais que desejam fugir da heteronormatividade imposta pela sociedade e por algum motivo teme por isso. Casais aqueles que enfrentam diariamente a leis, e à ordem estabelecidas, a superação de barreiras familiares, sociais e institucionais.

“...a superação pode estar presente diante de cada situação preconceituosa, de cada olhar de repreensão ou comentário ofensivo. Que essas mulheres sirvam de inspiração para um Estado mais democrático, para leis mais igualitárias, que abarquem todas as espécies de família e de união.” Lícia Loltran (2016, p.15 e 16)

Vale destacar que em sua pesquisa, a autora buscou por famílias compostas por mulheres. Onde se compreende que a nova configuração familiar composta por mulheres corresponde à grande maioria, além do desafio da reflexão de como a sociedade encara um lar sem uma figura masculina presente no lar. Mulheres, de diferentes regiões, opiniões e personalidades. Todas com suas histórias, seus medos, lutando contra o preconceito, o pré-julgamento, a aceitação e a maternidade.

A leitura de *Mama: Um Relato De Maternidade Homoafetiva* (2019) onde a autora, e mãe, Marcela Tiboni, relata detalhadamente todo processo da construção da sua família, incluindo os medos e inseguranças da decisão do casal a partir da ideia de formar uma família, à burocracia e a maternidade real. Marcela Tiboni quebra o tabu da maternidade homoafetiva e fala abertamente sobre a maternidade de forma equilibrada e delicada, transmitindo cada linha de sua escrita um exemplo de força, amor e dedicação. Em “Desmama: História de Uma Mãe Com Outra Mãe” (2022), Marcela Tiboni reafirma sua escolha de viver o maternar ao lado de outra mulher. Narrando os desafios, e o cotidiano da família.

Adoção De Crianças Por Casais Homoafetivos: Reflexão Crítica Sobre a Relação Escola-Família (2021), onde a Psicóloga, Psicodramatista e Terapeuta, Maria Regina Castanho França, no artigo em questão problematiza a questão das famílias

homoafetivas da origem de cada indivíduo, focando nos problemas que os mesmos enfrentam perante a sociedade em que vivem, e o processo durante a adoção dos filhos. Mostrando ao leitor a importância da rede de apoio.

“...uma célula familiar se origina de um vínculo afetivo entre pessoas que convivem como se fossem casados, independentemente de sua orientação sexual.” Maria Regina C. França (2021, p.10)

A Pedagoga Bianca Salazar Guizzo, com Mestrado e Doutorado em Educação, relata em artigos e livros a relação das famílias homoafetivas, à problematização da homoparentalidade sendo representada pelos meios midiáticos. Assim como o Professor, com Mestrado e Doutorado em educação João Carlos Amilíbia Gomes, que juntamente a Bianca, relata em um artigo a problematização da homoparentalidade no artigo Representações De Homoparentalidade Na Mídia: Configurações Familiares Contemporâneas (2013).

“...a configuração de tais famílias envolve sujeitos ou casais homossexuais e/ou bissexuais que se valem de distintos caminhos para ter um/a filho/a. Entre esses caminhos, podem ser citados: adoção, tecnologias artificiais de reprodução, etc.” B. Guizzo, J. Gomes (2013, p.2)

O antropólogo, historiador e pesquisador Luiz Roberto de Barros Mott, conhecido como um ativista brasileiro a favor dos direitos civis LGBT, também vem a ser uma base de estudo para fundamentação teórica por sua linha de pensamento. O mesmo aborda assuntos relacionados a homoafetividade, e os direitos humanos. O artigo Direitos Humanos E Homossexualidade: Conquistas e Desafios –Uma contribuição (2010), aborda como um todo todos os direitos conquistados até a presente data e exterioriza questões ainda pendentes como a discriminação e o preconceito. Relatando a importância de discutir um assunto que está cada vez mais visível aos olhos da sociedade.

“...todo homem e toda mulher tem o direito de ser, em todos os lugares, reconhecido como pessoa perante a lei. Independente do sexo, da cor, da idade, do credo, do país, do grau de escolaridade ou até de grande cidadania, sendo gente – apenas gente, todo homem e toda mulher são pessoas. E devem ser reconhecidos como tais na vida de casa e da rua, da família e na sociedade, no trabalho e no lazer.” L. Mott (2010, p.2 e 3)

PRIMEIRAS INSERÇÕES COM O TEMA

Diante das transformações em que nossa sociedade se adapta atualmente, as instituições de ensino precisam obrigatoriamente acompanhar tamanhas modificações sofridas. O Brasil, mesmo repleto de diversidade, ainda sofre com conflitos de diversas naturezas e por diferentes razões. Nos dias atuais, o modelo de família heteronormativo, composta por um “pai”, uma “mãe”, e seus filhos, já não se encaixa como a única composição de uma configuração familiar. Família é onde possui amor, independente de sexualidade, cor ou religião.

Por um longo período foi exigido erroneamente à sociedade uma família de modo “tradicional”, composta por indivíduos do sexo oposto, para que assim pudesse caber dentro de um padrão aceitável. Ocasionalmente a opressão daqueles indivíduos que não se “adequavam” ao padrão desejado, gerando uma exclusão intencional aos indivíduos que se relacionavam com o mesmo sexo. Não levando em consideração as famílias como um todo, aquelas famílias compostas por mães solo, formadas por avós, tios, padrinhos etc.

As novas configurações de família após muita luta, conquistaram leis que falam ao seu favor, além do direito de cada integrante ser devidamente reconhecido e respeitado. Dado ao crescimento e visibilidade sobre o assunto perante a sociedade, possibilitou o aumento do número de informações a respeito de relações homoafetivas. A informação se dava por livros, matérias, artigos, expostos por meios sociais ou de comunicação, facilitando o indivíduo uma desconstrução de ideias sobre uma nova realidade permanente, afastando ideias retrógradas e machistas enraizadas dentro de cada um desde a infância.

O presente trabalho foi motivado pelo questionamento da aptidão das instituições para se certificar que o acolhimento de uma nova organização familiar é bem-sucedido, expondo assim a realidade de cada instituição, o comportamento do corpo docente e discente presente, a expectativa das famílias ao ingressarem seus filhos, os critérios escolhidos durante a busca realizado desde o ato da matrícula. Apontando com fiel veracidade ambos os lados, seja ele como responsável ou instituição, ressaltando a importância da ligação entre família-escola para o desenvolvimento da criança.

A pesquisa foi responsável por coletar dados de famílias e instituições, as oportunizando contar suas histórias, e nos permitindo visualizar por um olhar diferenciado a partir das leituras adquiridas ao longo do projeto. Evidenciando o quanto o preconceito ainda é presente diariamente na vida de cada uma dessas famílias, e nos permitindo enxergar que as mesmas não conquistaram nem metade do que precisam para não se sentir confortáveis e inclusos perante a sociedade.

“Continuamos com uma cultura homofônica, com a constante manifestação de sentimentos negativos em relação aos homossexuais, explícitos ou não. Vivemos numa sociedade heterocêntrica, que parte do princípio assumido como verdadeiro que os seres humanos são naturalmente heterossexuais e que o estilo de vida heterossexual é o padrão normal e deveria ser o único. Este princípio determina uma atitude inconsciente, não intencional, de marginalização e exclusão de qualquer pessoa que fuja às normas.” (França, 2004).

Famílias distintas, com diferentes histórias, propósitos, dificuldades, regiões, e ideologias, mas com um único objetivo em comum: ser feliz. É sobre isso. É sobre amar, seguir amando, apesar de toda loucura que o mundo ainda tem de oferecer. É sobre a oportunidade de partilhar seu amor, amar a si, ao seu parceiro, e ser amado. Uma recompensa que no fim, apesar de todo processo, vale a pena. Quando os laços afetivos são sempre mais resistentes, não permitindo com que os laços sanguíneos não caibam dentro de julgamento algum, ou implique na diminuição do amor.

Na primeira fase da pesquisa buscamos pelas famílias homoafetivas. Inicialmente reunimos depoimentos de seis famílias, que ao decorrer da leitura serão mencionadas resumidamente, mas por opção delas apenas duas trazem ao leitor riqueza de detalhes. Após reunir os relatos, passamos para a segunda fase em que questionamos a conduta, e o posicionamento das instituições diante do fato. Durante a busca pelas instituições, era de nosso objetivo selecionar as que abrangiam como um todo diferentes propósitos. Diversificando as instituições públicas, privadas, religiosas, tradicionais, construtivistas etc.

Há veracidade notória na omissão frequente pela parte de algumas instituições à realidade de novas configurações familiares. Por algumas delas aparenta conduzir positivamente episódios, mas a falta de experiência com assunto era elevada. Através disso é possível visualizar como é vantajada a dificuldade de aceitação dos que destoam do padrão heteronormativo, implicando na falta de

experiência e dificuldade durante o acolhimento da parte das instituições, podendo apurar superficialmente o padrão de escolha dos responsáveis.

"O preconceito e a pressão invisível são tão constantes que o próprio indivíduo homossexual, impregnado por nossa cultura heterocêntrica, acaba por internalizar a homofobia, dirigindo essa atitude negativa contra si mesmo, negando ou reprimindo seus próprios desejos e experiências afetivas. A homofobia internalizada provoca uma expectativa negativa inconsciente a respeito de seus próprios relacionamentos, distorcendo o potencial para se ter um vínculo adulto satisfatório, podendo causar um boicote inconsciente à própria relação." (França, 2004)

A principal ferramenta utilizada durante a pesquisa foram os meios sociais, em especial o aplicativo "Instagram". Durante a busca encontramos uma página nomeada como "Famílias Brasileiras Diversas", e através dela foi possível conhecer resumidamente muitos casais, muitas histórias, nos oportunizando ter um primeiro contato com diferentes famílias, de diferentes lugares, onde a distância física não nos permitiria ouvir, mas a tecnologia nos apresentou a facilidade de comunicação. Proporcionando ao ouvinte uma experiência leve, onde é possível sentir o carinho e o cuidado em cada palavra dita. Resultado de uma luta incansável, onde com certeza sem o amor, não teria alcançado o êxito.

FAMÍLIAS QUE POSSUEM SEUS FILHOS PRESENTES EM INSTITUIÇÕES

A família A é composta por duas mães e uma filha. A criança é fruto de um relacionamento anterior da genitora, onde a mesma já durante a gestação não obteve apoio do genitor, ocasionando assim uma reaproximação com uma antiga companheira que abraçou instantaneamente toda a situação, e assumiu a responsabilidade de dividir a maternidade juntamente com a genitora. Criando um vínculo afetivo desde a barriga, a verdadeira ligação de mãe e filha, arcando tanto afetivamente como financeiramente com a genitora da criança.

"Existe uma grande preocupação referente à falta que faria uma figura masculina ou feminina à criança adotada por um casal do mesmo sexo. Na realidade brasileira, de um enorme contingente de famílias monoparentais, além da crescente diversidade familiar que encontramos, essa questão perde sua relevância. Entretanto, podemos afirmar que os papéis materno e

paterno, de fato importantes para um bom desenvolvimento psicossocial da criança, não estão mais diretamente associados à figura da mulher ou do homem, nem mesmo nos casais heterossexuais atuais. Desempenha melhor a função materna e a paterna o progenitor que mais se identifica com as tarefas associadas a estes papéis, seja homem ou mulher. ” (França, 2009)

Quando companheiras anteriormente, ambas nunca cogitaram a maternidade como um casal. A mãe afetiva não possuía o desejo de gerar. A genitora por outro lado, assim como seus pais, o que facilitou a aceitação da gravidez, sempre quis um fruto genético, procriar era um sonho. Foi preciso encarar o preconceito prematuro pela parte da mãe afetiva logo de início dentro da própria família, com a justificativa mascarada de temer um fim futuro do relacionamento com a genitora.

O genitor permanece ausente até a presente data da vida da criança. Abdicando de qualquer oportunidade de participação, e da educação da mesma, não realizando visitas regularmente, e não contribuindo emocionalmente para sua evolução. O presente fato gerou alguns déficits psicológicos no início da vida da menor, mas com acompanhamento especializado foi possível progredir positivamente. A criança ainda tem bastante apego a figura paterna, se apegando à visita periódica que o genitor realiza.

Hoje, a genitora e a mãe afetiva não possuem mais um relacionamento amoroso, se respeitam e dividem todas as responsabilidades maternas. Relatam temer uma discriminação futura, mas expõem diariamente a realidade à criança. Reafirmam o quanto ela é uma criança especial, e a sorte de possuir duas mães.

A menor ainda não tem consciência da distinção entre um relacionamento homem e mulher, e um relacionamento homoafetivo. Visualiza a relação das mães quando um casal, como saudável e amigável, e não obteve alteração em sua opinião com o fim. Questiona o motivo pelo qual não se casam, e não moram as três juntas na mesma residência. Sua ideia de família são os indivíduos no qual residem junto a ela, seus avós e a genitora.

As mães tomam as decisões em conjunto, uma em contato com a outra para haver uma concordância de ambas, e assim foi realizado para escolha de uma instituição. Prezando uma educação de qualidade, com atividades extracurriculares desejadas e um acolhimento inicial da instituição desde o ato da visita.

FAMÍLIA B

Composta por dois pais e uma filha, conhecemos a família B. O pai de número um, é o pai que nos compartilhou a sua história. Relatando que anteriormente nunca cogitou a paternidade pela racionalidade em que pensava, sempre idealizou a construção de uma vida estruturada para lhe proporcionar um futuro confortável. A construção de uma família, aos olhos dele, era algo distante pela dificuldade que poderiam enfrentar na tentativa. Ao descrever a visão de seu companheiro, diz que mesmo sempre sonhou em edificar uma família, onde desde o início do relacionamento sempre demonstrou interesse na paternidade.

Após algumas tentativas anteriores, a criança chegou na vida dos pais de uma forma inesperada. O pai de número um nos conta que para não se frustrar diante de tentativas falhas, sempre tentou não se envolver inteiramente. Reafirma o quanto a distância da ideia da paternidade era real, por crer em uma dificuldade de concretizar uma família. O pai de número dois lutava por isso, e sempre que surgia uma possibilidade, se enchia de esperança.

O pai, que sempre sonhou com a paternidade, residia anteriormente em uma cidade no Nordeste. O estado ainda é conhecido por tamanha dificuldade financeira entre a população. Uma mãe, em que condizia diante a situação descrita acima, propôs aos pais uma adoção “A Moda Brasileira”, sugerindo que um dos pais registrasse a criança como suposto genitor, e a levasse a um lar que existisse amor e uma melhor condição de vida.

Deste modo embarcaram juntos no sonho de constituir uma família, concedendo um ao outro todo apoio necessário para concretização do qual almejam por tantos anos. Toda a família, genuinamente, também abraçou a causa. Se disponibilizou para contribuir no que fosse necessário, os oferecendo todo suporte que houvesse ao alcance, com exceção de alguns membros familiares. Como mencionado, outras três tentativas anteriores para receber uma criança desse modo foram cogitadas, mas falhas.

Durante a gestação da genitora, os pais afetivos acompanharam cada momento permitido. Fornecendo todo apoio necessário, seja ele de caráter emocional ou financeiro. Custeando despesas de alimentação a saúde, sendo elas requisitadas ou não pela genitora. O pai de número um expressa o quanto a recompensa de

partilhar o amor com uma criança, amar a si, ao seu parceiro, vale a pena. Reafirmando assim como em todos os outros momentos disponíveis que família é onde tem amor.

Questionamos como foi lidar inicialmente com a parte da paternidade no âmbito profissional. Quando mãe, a mulher recebe uma licença maternidade na qual pode ser estendida, ou não, para se possa se dedicar única e exclusivamente ao bebê em seus primeiros meses de vida. Quando pai biológico uma curta licença paternidade é oportunizada. Quando pais adotivos também recebem cento e vinte dias de licença remunerada no trabalho, para que haja uma maior adaptação do filho. Agora, dois pais, de primeira viagem, com um bebê recém-nascido, fruto de um casal homoafetivo, seriam oportunizados pela lei da mesma forma que um casal heterossexual? Como seria a conduta das empresas em que são subordinados?

Nos foi dito que ambas empresas se portaram de forma flexível, os acolheram diante do fato, se envolveram com a causa, os disponibilizaram o tempo que fosse necessário para que ocorresse a organização familiar da melhor maneira possível. Se puseram à disposição da família caso necessitasse de algo ao alcance de ambas as empresas, os deixam confortáveis para solicitar um momento maior caso fosse necessário para adaptação da criança. Da mesma forma foi realizado pelos colegas de trabalho, que os apoiaram e incentivaram a concretizar sua família.

CONFIGURAÇÕES FAMILIARES

Como dito anteriormente, por opção deles, não entraram em detalhes na história de todas as famílias, mas narraríamos brevemente um pouco sobre elas. A família C é fruto de uma Fertilização In Vitro, o que buscamos muito ao longo da pesquisa. Gostaríamos de entender alguns questionamentos de por exemplo porque não houve uma adoção, como chegaram ao acordo de quem gestaria, etc. Foi realizado com o óvulo da mãe de número um, na barriga da mãe de número dois, para que pudessem eternizar o amor de ambas a longo prazo.

Ouve-se falar bastante da dificuldade em adotar. A dificuldade é máscara por alguns dados em que durante uma breve pesquisa realizada onde pode se observar explicitamente que a dificuldade em adotar é somente pelo desejo das famílias,

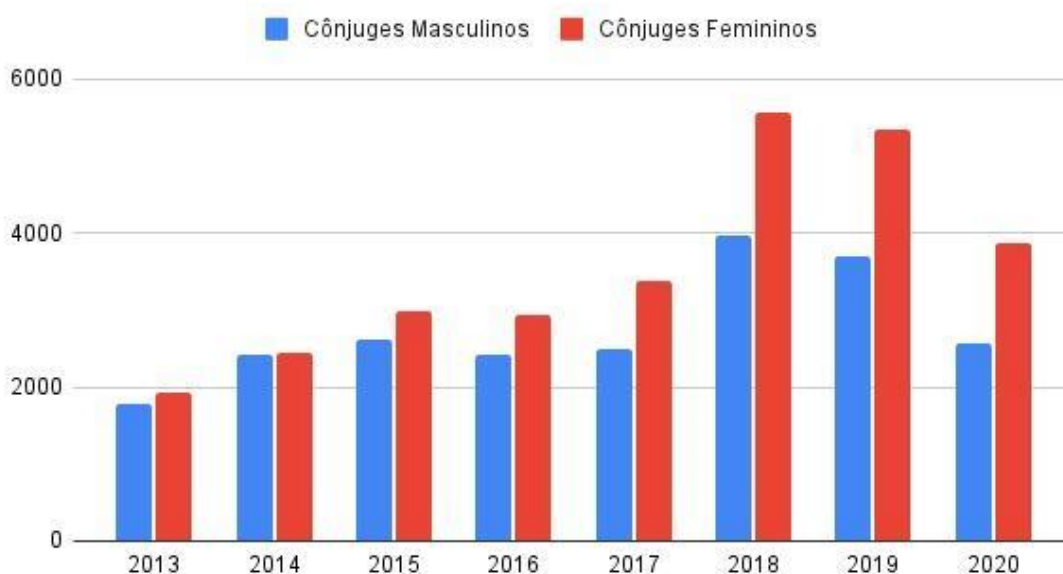
homoafetivas ou não, em na grande maioria das vezes se abranger a criança ainda seja recém-nascida, explicando tamanha procura e a dificuldade desproporcional ao número de crianças que ainda se encontram na fila para receber suas famílias.

Encontramos a família D, composta de dois pais e um filho. Uma família que correu atrás da adoção independente de idade ou sexo, eles só desejavam partilhar seu amor e construir sua família. A felicidade veio após algumas semanas, após reunir toda documentação necessária para adoção, iniciaram sua família.

O desejo de gerar um fruto biológico de duas mães para eternizar o amor, após algumas tentativas falhas, conseguiu o positivo. Essa é nossa família E, composta por duas mães e uma filha. Assim as companheiras conquistaram o direito de dividir a maternidade. Foi possível sentir a intensidade de cada palavra dita a nós, e idealizando a força da luta que vivenciaram para construir sua família.

Nossa última família é composta por mulheres, que também falharam inicialmente em tentativas, e depois obtiveram resultados. Pode-se observar que a maioria dos relatos desse projeto são cedidos por mulheres, assim como observados na busca por famílias. Nos permitindo observar a veracidade dos dados onde pesquisas mostram que a iniciativa de configurar uma família homoafetiva, na grande maioria das vezes, vem de mulheres. Permitindo assim uma reflexão coletiva de questionar no que a sociedade, que alto valoriza o papel do homem como um todo, enxerga isso.

Casais Homoafetivos no Brasil



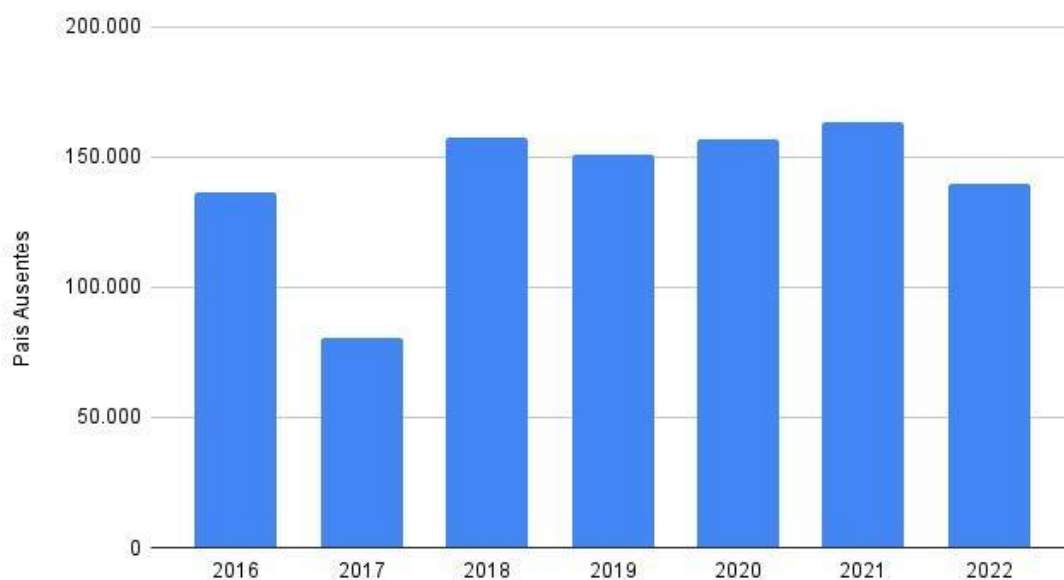
Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), atribuídos a pesquisa realizada com a finalidade de apurar o percentual de famílias compostas por casais homoafetivos do sexo masculino e feminino, expondo a veracidade das informações dadas acima onde profere que a composição de casais homoafetivos de sexo feminino é de maior percentual. Resultados esses obtidos ao longo dos anos, iniciando no ano de 2013 e prorrogando até o ano de 2020.

O abandono paterno ainda é realizado com muita frequência, embora não possua visibilidade significativa. Quando a ausência do pai não se inicia ao nascimento, incide ao longo da vida da criança. Mulheres já são chefes de família ao longo de muitos anos, apesar da não valorização do fato. Mulheres trabalham assídua e incessantemente para sustentar suas famílias.

Em bancadas de senado pode se observar superiores do sexo masculino ditando direito das mulheres, sem se permitirem enaltecer quantidade de mães que sustentam suas famílias sozinhas sem a ajuda afetiva ou financeira do genitor, não é exposto também a quantidade de criança/adolescente sem a presença do nome do paterno na certidão de nascimento.

Pais Ausentes



Fonte: Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais (Arpen-Brasil).

O gráfico acima é composto por dados da Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais (Arpen-Brasil), constando o número de pais

ausentes em certidão de nascimento ao longo de um período significativo de sete anos. Considerando que o ano de 2022 ainda não obteve o fim, os dados permanecem abertos para apurar um percentual exato.

A ESCOLA E RELAÇÕES DOS DOCENTES E DISCENTES COM AS FAMÍLIAS

Em uma pesquisa de campo realizamos entrevistas com distintas instituições, onde se diferenciam pelos seus diferentes métodos de ensino, distintos propósitos, e idealizações. A partir disso foi possível observar como muitas das instituições pregam a teoria, mas a prática é falha, a falta de experiências compromete a inclusão. O receio das famílias que fogem do padrão heteronormativo ao inserir seus filhos em escolas religiosas, por exemplo, é notório.

“A religião, como instituição formadora de sentido ao longo da história e na contemporaneidade, continua exercendo influência na família, adestrando e domesticando principalmente os corpos femininos.”
WIRTH, Noeme de Matos (2013, p.6)

Os pais quando iniciam as buscas por instituições para realizar a inserção escolar de seus filhos, além de almejar uma educação de qualidade, prezam por princípios que se adequem à realidade em que vivem. Os inserem desejando que seja proporcionado valores no qual acreditam, repudiando qualquer tipo de olhar preconceituoso, ou retrógrado, de uma sociedade ainda machista e antiquada. Os abstendo de qualquer constrangimento no início de sua infância, por qualquer circunstância.

A criança é uma esponjinha, eles absorvem tudo ao seu redor, inicialmente não têm consciência do que é certo ou errado. Levam em consideração tudo que escutam dentro de seus lares, de seus pais, como uma verdade absoluta. Não possuem filtro do que é positivo ou negativo para levar para frente. Nos, criados em uma sociedade machista, por pais que acompanham a mesma realidade, necessitamos nos desconstruir diariamente para novas realidades.

O receio de pais homoafetivos na inserção de seus filhos em instituições é muito além de um propósito, ensino ou profissionalismo na qual ela oferece. Buscam por um local onde seus filhos possam se sentir acolhidos como um todo, seja na

instituição, pelos colegas, ou até mesmo pelos pais dos colegas. Onde comentários, opiniões ofensivas, não afetem ou venha a prejudicar o emocional e o psicológico da criança.

A realidade vivida não só no Brasil, mas em grande parte do mundo, nos permite que a ideia de família seja muito diversificada. A nova configuração familiar vem conquistando um espaço digno, necessário, mesmo não adquirindo metade do que merecem e precisam. Cada vez mais as leis estão ao seu favor, superiores ocupam direito de fala e lutam para igualdade. A população vem se desconstruindo, e se abrindo para um olhar inovador.

Uma questão a ser citada e repensada são as datas comemorativas. O “Dia dos Pais”, e o “Dia das Mães”, teve como objetivo inicial fortalecer os laços entre as famílias. Com o passar do tempo, o comércio acabou criando vantagem a partir das comemorações, seja ela, “Dia dos Pais”, “Dia das Mães”, “Dia dos Namorados”, “Natal”, etc. Extraindo vantagem para alimentar o consumismo durante essas datas.

Hoje, apesar de diversas instituições escolares terem aderido ao “Dia da Família”, não foi o suficiente para que excluísse do calendário a comemoração do “Dia dos Pais”, e “Dia das Mães”. Com isso questionamos nossas famílias sobre a opinião pessoal de cada um perante o fato de manter as datas, e como seus filhos se portam diante das disto. Na família A as mães responderam separadamente por possuir opiniões distintas, e a mesma pergunta foi respondida pelo pai da família B.

GENITORA (família A): “Eu amo dia das mães, mas ainda não levo minha filha na semana do dia dos pais, não acho que possui maturidade o suficiente para entender. Futuramente vou deixá-la comparecer à escola durante a semana, mas não vou levá-la no dia da festa.

Não acho justa a troca por dia da família. Existem pais maravilhosos que merecem serem homenageados nesse dia também. Pode haver um Dia da Família, que une todos os tipos de família, seria uma inclusão maravilhosa.

MÃE AFETIVA (família A): “Sim, como ela tem ciência que possui um genitor, acaba sentindo muito quando é questionada. Além de nem toda escola “aceitar” duas mães participarem da comemoração. Apesar de amar o Dia das Mães, e me sentir privilegiada de participar dele, acredito que um Dia da Família seria significativo.”

PAI 1 (família B): “Devido a realidade vivida no Brasil, a ideia de família é muito diversificada, aos meus olhos, é ideal trocar para dia da família. Muitas crianças são criadas por avós, tios, dois pais, Dia das Mães, etc. Um Dia da Família seria uma ideia mais ampla.”

A conduta das escolas durante datas comemorativas muito nos interessava. Durante as comemorações, aquelas dispensadas ou não do calendário escolar, como o corpo docente e discente conduziria. Abraçaram as famílias, e as crianças, permitindo a presença da sua verdadeira configuração familiar?

O amor livre não era algo a ser cogitado num futuro, aos olhos da sociedade a única forma correta de amor era entre pessoas de sexo distintos, ou seja, homem e mulher, um relacionamento heterossexual. Portanto, aos olhos da sociedade, não teria problema algum a festividade ou idealização das datas, assim como não haveria problema ao abordá-las.

Nos mostrando mais uma vez a falta de empatia em não visar as famílias em que a mãe é a chefe de família, exerce integralmente o papel de pai e mãe, a quantidade de menor que não possui o nome paterno em certidão, as crianças que são criadas por outro membro da família por qualquer justificativa presente.

Atribuimos a pesquisa entrevistas com as famílias homoafetivas. A partir disso inserimos perguntas durante a conversa onde supomos e questionamos algumas situações, algumas condutas que foram ou seriam realizadas, sejam ela na escolha da escola ou na atitude usada para definir alguma circunstância presente no dia a dia escolar, como ambas lidam com as datas comemorativas etc.

Nosso primeiro questionamento foi se as famílias colocariam seus filhos em instituições religiosas. Apesar de durante a pesquisa termos conhecido uma escola, de caráter católico, na qual possui uma quantidade significativa de famílias homoafetivas presentes, e aparentemente com bastante experiência no assunto, indagamos se inseriram seus filhos, e com qual propósito.

GENITORA (família A): “Somos partes de uma religião afro-brasileira chamada Candomblé, e apesar do diferencial, um ensino no qual ensina a valorizar a religião nos interessava. Próxima a minha casa possui uma escola cristã, com muitas atividades extracurriculares por nós

desejadas, além de atender todos os requisitos esperados. Fomos bem recebidas, e adoramos a escola como um todo, mas tememos o preconceito, que as superiores não soubessem lidar com a situação por falta de experiência adequada. ”

A ESCOLA DOS FILHOS DE FAMÍLIAS HOMOPARENTAIS

Nós permitimos a oportunidade de conhecer instituições públicas, com intenção de ampliar nossa visão diante do que observamos nas escolas privadas. As escolas oferecidas pelo governo muitas vezes não permitem uma escolha de escola por parte dos responsáveis, eles inserem as crianças onde possui vagas disponíveis, e na maioria das vezes em localização próxima às residências para facilitar o acesso. Gênero, classe, raça, cor da pele e etnia, são conflitos que não possuem força suficiente diante das situações em que há desigualdade.

A instituição A, primeira escola municipal visitada, visa a inclusão de crianças especiais. O corpo docente e discente trabalha diariamente com uma diversidade de indivíduos, unindo propósitos de modo que os menos favorecidos sejam beneficiados com a educação oferecida. Não permitindo espaço para discriminação, e o não tem voz preconceito.

A dedicação de cada profissional é visualmente observada, discriminar não é uma opção. As diferenças são respeitadas, verbalizadas, e frequentemente trabalhadas por meio de atividades pedagógicas. Como dito anteriormente, questões de maior importância são valorizadas, como a dedicação do profissional, escassez de material, portanto a configuração familiar do outro não possui influência significativa para a história deles.

Na instituição B, os docentes e discentes se disponibilizaram integralmente para esclarecimento de conduta, concluindo todas as perguntas solicitadas com riqueza em detalhes. A diretora da unidade aparentava muita familiarização com a inclusão como um todo, afirmava que assim como ela, todos os profissionais envolvidos no âmbito escolar conduziram situações da mesma forma que ela.

Habituada a receber todo tipo de crianças, e famílias, podemos concluir que as escolas da rede pública têm mais cuidado com o acolhimento de crianças de inclusão, configurações familiares distintas etc. Valorizam uma boa relação com os

responsáveis, no presente e no futuro, visando em primeiro lugar o bem-estar do menor, descartando a possibilidade de discriminação por qualquer diferença aparente ou não. Se mostram solícitos a esclarecer, e citam situações em que administraram positivamente.

RELAÇÕES DAS FAMÍLIAS COM A ESCOLA

Nos gerou curiosidade as relações família e escola, pela crença de acreditar que ambas precisam se conectar para obter resultados positivos na educação do indivíduo. Algumas instituições específicas, exalaram tamanho cuidado e responsabilidade emocional diante do assunto, era visível com apenas uma conversa a proximidade ao assunto. Outras instituições aparentemente inexperientes, deixando transparecer o quanto a ideia de aceitação a famílias homoafetivas é artificial, apesar de se mostrar motivado a inclusão, não possui vivência alguma.

Inserir um indivíduo com uma configuração familiar dessemelhante no meio de um padrão, deixa o mediador apreensivo a condução, assim como ao mesmo e aqueles que irão recepcioná-lo. Não aceitar o outro diz muito mais sobre si, do que propriamente sobre o outro. Assim como aceitar uma desconstrução, que proporciona não só a si, como ao outro e aos próximos uma esperança de modificação de ideais passados.

As crianças são o espelho do que recebem em casa, até mesmo depois de criar maturidade o suficiente para distinguir o certo do errado. Seus pais vão transmitir tudo aquilo que recebeu, e a partir disso você vai adequando naquilo que acredita, conforme vai adquirindo aprendizados e experiências ao longo da vida. O preconceito e a discriminação são estruturais, lamentavelmente passada de geração em geração.

A partir disso ocorreu o despertar da curiosidade por parte da conduta utilizada pelos outros responsáveis.

<p>Pai Afetivo (FAMILIA B): “No grupo da escola, uma mãe que se apresentasse os dois papais da minha filha, alegando que o filho não parava de contar isso em casa, e depois nos parabenizou pela atitude.</p>

Não sinto discriminação por parte dos pais, me sinto bem acolhido. Na escola possui um outro fruto de casal homoafetivo, mas não temos contato, pois é de turno oposto. ”

Podemos observar que situações conflituosas estão sendo administradas com mais êxito, respeitando as diferenças, independente de propósito, missão e objetivo das instituições. Isso nos permite agarrar a esperança de dias melhores, com igualdade e respeito.

CONFLITOS GERADOS NA SOCIEDADE ATUAL

Ocorreu ao longo dos anos um avanço significativo relacionado a assuntos tecnológicos e científicos. Hoje, ainda observamos um preconceito enraizado nas relações homossexuais, se comprovando a partir das discriminações de relações homoafetivas. Revelando uma exorbitante ignorância por parte de membros da sociedade, mais precisamente por uma boa parte dos heterossexuais que não aceitam ser equiparados aos casais homossexuais.

Afirmações vazias se justificando da impossibilidade de consolidação de uma entidade familiar, citando que pessoas do mesmo sexo não podem gerar uma vida, portanto não podem ser consideradas como configuração familiar. Uma boa parte desse entendimento responsabiliza a fé cristã, através dos dizeres “crescei e multiplicai-vos”, deixando lacunas a serem revistas aparentemente. Casais heterossexuais que não possuem a oportunidade de gerar um fruto biológico, e desejam ampliar suas famílias, optam pela adoção sem afetar sua formação familiar.

“O discurso religioso nem sempre tem acompanhado as mudanças experimentadas pela instituição família na contemporaneidade. As famílias estão se desfazendo e refazendo também o contexto religioso. A tradição vem sendo abandonada como em nenhuma época da história, mas ainda percebe-se que o modelo idealizado de família pela religião é o modelo de base nuclear, onde os papéis de gênero estão bem definidos, colocando a figura da mulher como subalterna em relação ao homem.” WIRTH, Noeme de Matos (2013, p.6)

Gerando uma contradição dos dizeres cristãos, oportunizando uma multiplicação de famílias mesmo que sem fins diretamente biológicos. O preconceito é perfeitamente visível a partir do discurso daqueles que reproduzem, a família tem um propósito único que é ocasionar a felicidade aos que a compõem, não importando a forma em que é configurada. Entende-se por entidade familiar mais de vinte e cinco tipos de configurações.

Possui comprovação científica alegações quando se relata as diferenças no desenvolvimento de algumas áreas do cérebro de crianças do sexo masculino e feminino. Nos permitindo uma reflexão sobre seus interesses, e gostos pessoais. Uma discussão é facilmente iniciada questionando se possui diferença entre brinquedos de meninos e meninas.

O brinquedo é utilizado pelas crianças, adultos e profissionais como ferramenta para aprendizagem e desenvolvimento. Montar, empilhar, organizar e utilizar de seus conhecimentos lógicos é uma habilidade desenvolvida por cada indivíduo a partir da sua afinidade. Nosso lado direito do cérebro encontra-se ligado a questões visuais, logo, segundo estudos, mais desenvolvidas pelo sexo masculino. Linguagem e afetividade são as primeiras áreas desenvolvidas com facilidade pelo sexo feminino, ocorrendo também aparentemente um melhor desenvolvimento nas expressões faciais, e relações pessoais.

O consumismo, mais precisamente as indústrias, se apropriam desse diferencial para os beneficiar positivamente sempre que houver oportunidades. Desde que ocorre a descoberta do sexo do bebê, já se associa o fato correlacionando a cores, brinquedos, esportes, etc. Pudemos observar esse fato durante a apresentação das instituições tradicionais, onde crianças são orientadas inicialmente na escolha dos esportes praticados em suas relações extracurriculares.

As meninas obrigatoriamente são incentivadas ao "Ballet", ao "Jazz", e aos meninos a atividades de "Capoeira" e "Futebol". Mesmo que seja de desejo dos mesmos ou seus responsáveis uma inversão das situações, a possibilidade de alteração é inexistente. Pode-se observar um elevado nível de conservadorismo da parte dos responsáveis que optam por inserir seus filhos em escolas tradicionais, logo, se observa o não despertar interesse de troca de esportes pelas famílias. Dado o número inferior a zero de pais homoafetivos integrados em escolas tradicionais selecionadas, acredita-se que esses pais não selecionam esse modelo de escola.

No início do século passado, a sociedade começou uma construção social com a escolha de tons. Diferenciando a partir disso, uma seleção entre cores propícias para meninos e meninas. Com o tempo, o consumismo o acompanhou, incentivamos uma diferenciação de cores por parte dos consumidores ainda maior.

Historicamente pode se dizer que o azul nem sempre foi considerado uma cor destinada a meninos, inclusive anteriormente era ao contrário do hoje. A cor rosa se dava à associação masculina, pela semelhança do vermelho, e ao sangue, passando a ideia de força. O azul representava a delicadeza da mulher, e assim se associava por caráter feminino.

“Essa dominação foi construída culturalmente na própria educação diferenciada de meninos e meninas. Nossa cultura já sempre moldou o que é ser menino e o que é ser menina através dos contos que colocou a mulher como o sexo frágil e que precisa ser protegida e dominada, enquanto o homem sempre foi visto como o sexo forte e que deve dominar. A religião atuou como poder simbólico nas relações de gênero, servindo tanto para libertar como para reprimir. ” WIRTH, Noeme de Matos (2013, p.7)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa visou identificar os desafios que pais homoafetivos enfrentam perante a sociedade atualmente, abrangendo todas as questões anteriores, futuras, e informações até a presente data. Com a finalidade de revelar a conduta por parte das instituições, foi necessário abrir um leque de opções diversificadas da mesma para que possibilitasse questionar como cada uma lida com a nova forma de configuração do âmbito familiar.

Através da pesquisa de campo realizada, o estudo apresentado possui uma natureza qualitativa, possibilitando a observação de fatos relacionados, oportunizando uma análise cuidadosa para que ocorra uma interpretação imparcial. A pesquisa exploratória atinge o objetivo principal, gerando uma familiarização positiva com o assunto abordado, obtendo informações indispensáveis com os relatos descritos pelas famílias e instituições indagadas.

A pesquisa mencionada acima, dita como pesquisa exploratória, é um dos tipos de pesquisas científicas onde se aplica de um modo que o pesquisador consiga obter uma maior proximidade com assunto, facilitando que ocorra a formulação de

hipóteses da pesquisa. A partir disso a hipótese levantada desde o início da pesquisa se confirmou, especificando cada dificuldade enfrentada por ambos os lados por conflitos de diversas naturezas e por diferentes razões.

Assim, nos permite observar a possibilidade de notar que a metodologia utilizada alcançou de maneira significativa nossos objetivos, e a partir das entrevistas realizadas durante toda a pesquisa de campo já mencionada anteriormente, com o objetivo de observar os fatos que ocorrem por meio de uma coleta de dados, foi essencial para obter uma conclusão final.

Lidar com o ser humano é algo extremamente incontrolável, cada um possui sua construção de ideias, propício ou não a mudanças. Acredita-se que ao longo dos anos foi possível que individualmente cada um se permitisse uma desconstrução, ocasionando uma diminuição significativa ao preconceito e a discriminação.

Para um aperfeiçoamento como um todo é necessário que os meios de comunicação, as instituições, persistam no aumento do número de informações, os bombardeando de ideias que desperte a curiosidade de se desconstruir individualmente. Com base em tudo inicialmente visto e vivenciado, ocorreu uma melhoria relacionada no objetivo da investigação.

A proposta coloca em pauta ocorrer uma melhor condução por parte das instituições através das informações cedidas pela tecnologia a favor das causas. Espera-se também que as instituições incluam o assunto com mais frequência no dia a dia, quebrando o tabu inicial, e abordando o tema das novas configurações familiares, permitindo que cada indivíduo tire suas próprias conclusões sobre o assunto.

Após a conclusão, fica sugestivo novos temas de pesquisa a serem realizados como a discriminação enfrenta por famílias no âmbito escolar, seja por parte dos docentes, discentes ou responsáveis, uma conduta mais detalhada para questionar a conduta das instituições diante de situações conflituosas, como a mídia se coloca diante do tema etc.

A partir de toda discussão realizada ao longo dos meses após o início da pesquisa, pode se dizer que muitas instituições ainda não possuem capacidade de receber famílias distintas ao “padrão” heteronormativo, assim como a confirmação em dizer que as instituições religiosas e tradicionais questionadas não estão acostumadas com uma visão mais ampla de família na prática, mas na teoria reafirmam facilidade de inclusão.

Assim como a inclusão de pessoas especiais, onde não são todas as instituições preparadas para recebê-las, algumas não têm aptidão para levantar questões de uma realidade já vivenciada que são as configurações familiares fora do “padrão” esperado pela sociedade ainda retrógrada. Discriminação aquelas que são ocasionadas, apesar de mascaradas, pelas próprias instituições, com um olhar conservador de superiores responsáveis pela fundação da escola.

As escolas que visam o financeiro, religião ou tradicionalismo, permite que responsáveis participem ativamente de decisões, protegendo alguns atos de discriminação frequente realizado por eles. Ideias conservadoras geram um ambiente não acolhedor, sem motivação para incluir todos independente de religião, ideologia ou princípios.

REFERÊNCIAS

SÁNCHEZ, Félix. Homossexualidade e Família: Novas Estruturas: O que Pais, Mães, Homossexuais, e Profissionais Devem Saber e Fazer. 1. Porto Alegre, RS: Artmed, 2009.

LOLTRAN, Lícia. Famílias homoafetivas: A insistência em ser feliz. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

TIBONI, Marcela. Mama: um relato de maternidade homoafetiva. 1. ed. São Paulo: Dita Livros, 2019.

TIBONI, Marcela. Desmama: memórias de uma mãe com outra mãe. 1. ed. São Paulo: Dita Livros, 2022.

MAGALHÃES, Selma. Relação Família-Escola: No Processo Educacional de Filho(a)s de Homens Gays. 1. Curitiba, PR: CRV, 2018.

GUIZZO, B. S; GOMES, J. C. A. Representações De Homoparentalidade Na Mídia: Configurações Familiares Contemporâneas. In: Fazenda Gênero 10 - Desafios Atuais Do Feminismo, 16-20, 2013, Florianópolis. Anais Eletrônicos, Florianópolis, 2013. p. 2

CORSINI, Iuri. GUEDES, Mylena. Números de Crianças Sem o Nome do Pai na Certidão Cresce Pelo 4º Ano Seguido. 2021. Disponível em:< <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/numero-de-criancas-sem-o-nome-do-pai-na-certidao-cresce-pelo-4-ano-seguido/> > Acesso em: 7 ago. 2021

CARVALHO, Ketryn. Maneiras de Concretizar o Sonho da Maternidade e Paternidade em Casais Homoafetivos. 2021. Disponível em:< <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/maneiras-de-concretizar-o-sonho-da-maternidade-e-paternidade-em-casais-homoafetivos> > Acesso em : 25jun. 2021.

FONTES, Leticia. Novas Configurações Familiares: O Amor que Vai Muito Além do Tradicional. 2020. Disponível em:< <https://www.otempo.com.br/interessa/novas-configuracoes-familiares-amor-que-vai-muito-alem-do-tradicional-1.2370445> > Acesso em: 11ago. 2020.

OLIVEIRA, Muka. Segundo Estudos, Filhos de Casais Homoafetivos Tem Desempenho Melhor Na Escola. 2020. Disponível em:< <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/segundo-estudo-filhos-de-casais-homoafetivos-tem-desempenho-na-escola> > Acesso em: 2020.

FRANCA, Maria Regina Castanho. Famílias Homoafetivas. Rev. bras. Psicodrama, São Paulo , v. 17, n. 1, p. 21-33, 2009 . Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932009000100003&lng=pt&nrm=iso > Acesso em: 23 nov. 2022.

KAMERS, Michele. As Novas Configurações da Família e o Estatuto Simbólico das Funções Parentais. 2006. Disponível em:< http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282006000200008 > Acesso em: Dez. 2006.

CECCARELI, Paulo. Novas Configurações Familiares: Mitos e Verdades. 2015. Disponível em:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352007000100007 > Acesso em: 28 out. 2015.

GRANDELLE, Renato. Entenda: Como o Rosa Se Tornou ‘Cor de Menina’ e o Azul, ‘Cor de Menino’. 2019. Disponível em:< <https://oglobo.globo.com/brasil/entenda-como-rosa-se-tornou-cor-de-menina-o-azul-de-menino-23343773>> Acesso em: 3 de jan. 2019

FALZETTA, Ricardo. Como Lidar Com As Relações Homoafetivas Na Escola? 2017. Disponível em:< <https://blogs.oglobo.globo.com/todos-pela-educacao/post/como-lidar-com-relacoes-homoafetivas-na-escola.html> > Acesso em: 14 ago. 2017.

NUNES, Cátia. Homofobia: A Discriminação Sofrida Pelos Filhos De Casais Homoafetivos. XI Colóquio Do Museu Pedagógico. Universidade Federal do Sudoeste da Bahia, UESB - Vitória da Conquista, Campos de Candeias, BA.

TANNURI, João. O Que Dizem Famílias Homoparentais Sobre As Relações Estabelecidas Com a Escola de Seus Filhos: Tensões Entre Aceitação e Discriminação. Programa de Pós – Graduação em Educação. UNESP Universidade Estadual Paulista “Júlio De Mesquita Filho” - Centro, São Paulo, SP.

RICHTER, Larissa. “Mas Cadê a Mãezinha?” Reflexões e Tensionamentos Sobre as Famílias Homoparentais Nas Escolas de Educação Infantil. Faculdade de Pedagogia – Licenciatura. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Porto Alegre, Rio Grande do Sul, RS.

OLIVEIRA, Roberdan. Famílias Homoparentais Com Filhos em Contexto Escolar: Conflitos, Desafios e Possibilidades da Educação Nesse Cenário. Programa de Pós – Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Goiás – Chácaras de Recreio Samambaia, Goiana, Goiás.

SCHETTINI, Suzana. Filhos por Adoção: Em Estudo Sobre o Seu Processo Educativo Em Famílias Com E Sem Filhos Biológicos. Mestrado em Psicologia Clínica. Universidade Católica de Pernambuco - Boa Vista, Recife, PE.

OLIVEIRA, Anna. BATISTA, Jucilene. LIMA, I. Maria. Freitas, V. Maria. Homofobia na Escolarização de Crianças cujo Pais/Mães Vivem em Condição De Conjugalidade Homoafetiva. III CONEDU Congresso Nacional de Educação. FACEP Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar – Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, RN.

PESSANHA, Jackelline. Direito Fundamental à Educação e As Famílias Homoafetivas: Uma Reflexão Sobre o Currículo Multicultural Nas Escolas. Mestrado em Direitos e Garantias Fundamentais. Faculdade de Direito de Vitória, FDV – Santa Lúcia, Vitória, ES.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Casais Homoafetivos no Brasil. Resultados da amostra. Brasil, BR. Disponível em:< <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/4406#resultado> > Acesso em: 2020

Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais (Arpen-Brasil). Identificação do Número de Crianças Registradas Só em Nome da Mãe no Brasil. Portal de Transparência. Brasil, BR. Disponível em:< <https://revistas.ufg.br/rir/article/view/46042> > Acesso em: Nov 2022

WIRTH, Noeme de Matos. As Novas Configurações Da Família Contemporânea E O Discurso Religioso. In: Fazenda Gênero 10 - Desafios Atuais Do Feminismo, 16-20, 2013, Florianópolis. Anais Eletrônicos, Florianópolis, 2013. p. 5-7